



**UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR CURSO FARMÁCIA -
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – METODOLOGIA
SEMIPRESENCIAL DA UNIVERSIDADE PARANAENSE -
UNIPAR**

RICHARD LINO DOS SANTOS

A POLIFARMÁCIA COMO FATOR DE RISCO AO IDOSO

**UNIDADE
Toledo - PR
2022**

RICHARD LINO DOS SANTOS

A POLIFARMÁCIA COMO FATOR DE RISCO AO IDOSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso Farmácia Generalista da Universidade Paranaense – Campus Toledo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel Farmácia, sob orientação da professora Vanusa Souza Rocha Pereira.

Unidade

**Toledo
2022**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus supremo e benfeitor, sem Ele eu não teria capacidade alguma. Aos meus pais, foi graças aos seus esforços que consegui chegar até aqui. Ao meu amigo Isaias que acreditou e sonhou comigo esse momento. Ao Yoani, o meu amor, o qual me apoiou sem medidas e foi o meu apoio e alicerce. E a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 DESENVOLVIMENTO	6
2 RESULTADO DE DISCUSSÃO	7
2.1 Conceito de Automedicação	7
3 FATORES QUE LEVAM A POTENCIALIZAÇÃO DA POLIFARMÁCIA	9
4 DESVANTAGENS E RISCOS AO IDOSO COM A PRÁTICA DA POLIFARMÁCIA	11
5 O FARMACÊUTICO E O SEU FUNDAMENTAL PAPEL NA POLIFARMÁCIA	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	15
ANEXO	17

A POLIFARMÁCIA COMO FATOR DE RISCO AO IDOSO

Richard Lino Dos Sabtos¹; Vanusa Souza Rocha Pereira²

¹ Acadêmico do Curso de Farmácia Generalista da Universidade Paranaense – UNIPAR.

² Docente de Curso de Estética e Cosmética da Universidade Paranaense – UNIPAR.

RESUMO

Uma das grandes preocupações dos profissionais de saúde são os pacientes idosos, que, com o passar dos anos, vão apresentando patologias que necessitam de um tratamento mais próximo que por sua vez, levam a necessidade da utilização de medicamentos de uso diário, que na maioria das vezes associados a dois, três tipos ou mais. A utilização desses medicamentos, podem ser sob prescrição médica ou até mesmo, incluídos no tratamento através da indicação por pessoas leigas, amigos ou familiares que já fizeram uso, ou até mesmo por achar que poderá trazer benefício por conta de uma simples propaganda, aumentando a exposição a novos riscos causando uma piora na patologia ou até mesmo causar óbito. Este estudo tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre os efeitos negativos bem como a necessidade de um acompanhamento da prática da polifarmácia por idosos. Essa reflexão analisa os riscos causados a partir da prática de polifarmácia, principalmente os medicamentos isentos de prescrição (MIPS) e ainda a necessidade de uma fiscalização mais próxima por parte do profissional de farmácia no controle da automedicação por parte dos idosos. Diante disso, conclui-se que se trata de um problema recorrente, sendo pertinente uma revisão nas medidas que contribuam para que a polifarmácia seja praticada de maneira racional.

Palavras-chave: polifarmácia, idoso, automedicação.

ABSTRACT

One of the major concerns of health professionals is elderly patients, who, over the years, are presenting pathologies that require a specific treatment, which in turn, the need for the use of daily medication, which in most cases often associated with two, three or more types. The use of these drugs can be under medical prescription or even included in the treatment through the indication by lay people, friends or family members who have already used them, or even because they think it can bring benefit due to a simple advertisement, increasing the exposure to new risks causing a worsening of the pathology or even causing death. This study aims to make a brief reflection on the negative effects as well as the need to monitor the practice of polypharmacy by the elderly. This reflection analyzes the risks caused from the practice of polypharmacy, especially without prescription drugs (MIPS) and closer inspection by the pharmacy professional in the control of self-medication by the elderly. In the face of this fact, it concluded that this is a recurring problem, and a review of the measures can be pertinent that contribute to the rational practice of polypharmacy.

Keywords: polypharmacy, elderly, self-medication.

INTRODUÇÃO

O hábito de se automedicar, caracteriza-se na decisão de um indivíduo ou de seu responsável, fazer a utilização de determinado medicamento em função da manutenção de sua saúde a fim de prevenir moléstias, tratar enfermidades ou somente sintomas relacionados a algumas enfermidades, sem qualquer orientação, acompanhamento ou supervisão médica. De certa forma, assim como qualquer outro produto, a forma de consumir, muitas vezes está relacionado a propagandas de medicamentos que são vendidos sem a necessidade de apresentação de uma prescrição médica, criando ainda o hábito nas pessoas de possuírem em suas casas as ditas farmácias caseiras, acreditando que alguns medicamentos resolvam até mesmo as dificuldades do acesso aos serviços de atendimento público da saúde, aumentando assim o gargalo que contribuirá no fenômeno da automedicação ou polifarmácia.

Um dos fatores importantes dos gastos exacerbados com a saúde em todo o mundo é o uso inadequado de medicamentos, justificando assim, a necessidade da realização de estudos direcionados ao consumo de medicamentos, mais especificamente na polifarmácia. Diante desse arcabouço, observa-se que é na faixa etária idosa que encontram-se em fase de vulnerabilidade que a automedicação e a polifarmácia é recorrente, fato esse que facilita com que essa faixa etária faça uso indiscriminadamente de muitos medicamentos sem qualquer preocupação com os efeitos colaterais com a ministração conjunta dos mesmos, isso porque na sua totalidade, o uso de medicamentos está correlacionado a um índice mais alto de ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis fazendo com que o problema agrave-se ainda mais. A utilização de vários medicamentos de forma simultânea também aumenta o risco do surgimento de reações adversas (SECOLI *et al.*, 2019).

Dessa forma, esse estudo tem como objetivo fazer uma investigação das causas e o papel fundamental do farmacêutico na polifarmácia e a automedicação na terceira idade.

1 DESENVOLVIMENTO

A elaboração deste trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, onde houve a necessidade de efetuar uma pesquisa de busca por materiais já publicados com objetivo de trazer algumas informações sobre a automedicação ou prática de polifarmácia na faixa etária do idoso. De um modo geral, os trabalhos utilizados nesta elaboração, baseiam-se em publicações online, com pesquisas no Google Acadêmico, revistas Internacionais e Nacionais entre outros, tendo como base de pesquisa os descritores pessoa idosa, medicação descontrolada e riscos, em cerca de oito artigos. Esses artigos podem ser classificados aqui em três grupos sendo: o **Conceito** da automedicação, usando como base dois artigos encontrados com essa temática, para a pesquisa foram utilizados como as palavras: automedicação polifarmácia. **As Vantagens e desvantagens**, tendo como base dois artigos encontrados, utilizando como descritores, palavras chaves: malefícios, automedicação, idoso, e desvantagens, que nesse caso quase na totalidade dos oito artigos pesquisados, encontrou-se uma abordagem para essa temática, a qual através de consulta com as palavras chaves, automedicação, terceira idade, prática polifarmacêutica, da prática da polifarmácia, que nesse caso, é o foco central da pesquisa, nos oito artigos pesquisados com a poalavras chaves, polifarmácia, idoso, malefícios e ainda o importante papel do profissional farmacêutico no contexto da automedicação e/ou polifarmácia, que nesse caso quatro dos artigos utilizados como leitura abordaram esse ponto, tendo como palavras chaves de pesquisa o farmacêutico, polifarmácia e idoso. Observou-se ainda que o perfil demográfico vem sofrendo alterações e o crescimento da população idosa também cresce aumentando dessa forma a expectativa de vida desse perfil de pessoa (DESTRO, 2018). Consequentemente com o aumento desse número de pessoas dessa faixa etária, a necessidade de consumir mais medicamentos por este perfil de pessoa, caracterizando como um grupo em busca de polifarmacêuticos por conta de patologias agravadas e doenças crônicas não transmissíveis. Fazer uso de cinco ou mais medicamentos, causará ao paciente idoso reações susceptíveis adversas, desencadeando uma toxicidade cumulativa, levando a diminuir uma adesão ao tratamento farmacológico, podendo acarretar erros consequentemente por conta da sua automedicação (COUTO *et al.*, 2007; PORTELA, 2018).

Automedicação não é um fato contemporâneo, essa prática que tem características de levar o doente ou mesmo seu responsável a obter ou até mesmo produzir algo, tecnicamente que os leve a acreditar que o uso desse produto beneficiará no tratamento e alívio de suas patologias ou desaparecimento dos sintomas. Não bastasse, a automedicação ocorre quase sempre de diversas maneiras e fatores como: utilizar um medicamento por sua vez foram prescritos para uma outra pessoa dando um resultado positivo, sobras de medicamentos de outros tratamentos, aquisição de medicamentos sem prescrição médica, quase na maioria das vezes informado por alguém, sem

seguir a posologia, comerciais de medicamentos através dos meios de comunicação que não são tão fiscalizados assim entre outros (GUALHARDO; ASSUNÇÃO, 2013).

É pertinente ressaltar que por conta da utilização de vários medicamentos, na maioria das vezes ocorre a aquisição das conhecidas “farmacinhas”, o que é considerado um fator de risco, pois essa prática favorecerá o uso de medicamentos não indicados para certas patologias, o que facilitará uma possível reação adversa devido a ingestão de medicamentos armazenados de forma inadequada, o que altera a qualidade do produto ou até mesmo uma ingestão de medicamento de maneira acidental (SECOLI *et al.*, 2019).

O uso abusivo de medicamentos e os seus efeitos colaterais, resultam em efeitos indesejáveis como: reações adversas, interações medicamentosas, mascaramento de diagnósticos, agravamento de patologias entre outros agravos. Agem de tal maneira que chegam a criar obstáculos para que o tratamento da patologia siga de maneira correta da terapia medicamentosa, conseqüentemente, o fracasso será inevitável. Destaca-se dessa maneira a necessidade de uma tensão redobrada pelos profissionais da saúde, a esses idosos que fazem uso da polifarmácia (CARVALHO; CARVALHO; PORTELA, 2018).

2 RESULTADO DE DISCUSSÃO

2.1 Conceito de Automedicação

A Automedicação é uma polêmica que preocupa muito a cultura médico farmacêutica, sendo muito comum já por povos e civilizações de outros tempos, com suas especificidades de cada região ou diferentes épocas, conseqüentemente, causou e continuam causando grande preocupação pois, essa prática tornou-se um problema nefasto as pessoas no que diz respeito a saúde pois fazer uso de medicamento dessa maneira quase sempre o organismo sofrerá algum tipo de efeito colateral (LUTZ; MIRANDA; BERTOLDI, 2017). O uso racional de medicamentos é o caminho primordial para a minimização desses riscos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, por meio do site oficial https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf, define-se como uso racional de medicamentos como a circunstância onde o paciente recebe de maneira apropriada de acordo com suas necessidades patológicas, em dosagem equivalente durante o tratamento no decorrer do mesmo.

O contexto da automedicação deve ser compreendido assim como o dano causado por ela à sociedade pode se retrocedermos um pouco a história concebendo certos fatores determinantes à dicotomia com efeito benéfico ou maléfico através dessa prática terapêutica. Ainda, a Organização Mundial da Saúde associada a Federação Internacional dos Farmacêuticos, veem a automedicação

como uma prática que uma determinada pessoa ou um grupo de pessoas utilizam medicamentos previamente eleitos, para o tratamento de problemas de saúde, podendo ser ainda no seu estágio sintomático, geralmente em pequenos problemas (SECOLI *et al.*, 2019). Lembramos aqui que a automedicação pode trazer benefícios à saúde quando feita de maneira correta, denominada como autocuidado pela OMS. Conforme (SILVA *et al.*, 2017), As práticas relacionadas a cuidados pessoais em busca de uma saúde estabelecida, mantendo a saúde necessária, buscando também a prevenção de doenças, fazem parte do processo de autocuidado, que podem fazer parte desse processo: higiene, nutrição, estilo de vida saudável, momentos de lazer enfim, fatores do meio em que se vive, sociedade e hábitos; fatores socioeconômico englobando renda pessoal, religião e crenças, cultura, etc e; ainda no mesmo bojo, temos a automedicação . Englobando diversas maneiras pelas quais uma pessoa utiliza-se dessa prática, a automedicação conota o alívio de muitos sintomas e ainda a busca de se ver livre do problema de saúde, dessa forma, a família ou pessoas do mesmo nível social costumam compartilhar medicamentos e prescrições que em algum momento foram passadas a um específico indivíduo, descumprindo dessa maneira o protocolo de tratamentos, fazendo um tratamento errôneo no que diz respeito a tempo de tratamento e dosagem prescrito na receita emitida pelo profissional. De acordo com Maciel; Fernandes; Gomes (2019), a automedicação segundo as evidências, mostram que trata-se da prática mais comum de lidar com alguns sintomas simples ou até mesmo mais graves de alguns problemas de saúde, pelo menos 35% dos medicamento adquiridos no Brasil são adquiridos nas farmácias e apesar de ser proibido até mesmo em supermercados, através desse processo, criando a falsa ilusão de que esses medicamentos são de riscos inertes. Fazer uso incorreto de drogas e/ou substâncias muitas vezes consideradas “banais” pelas pessoas como por exemplo, os analgésicos, podem potencializar a promoção de diversas implicações entre essas complicações, hipersensibilidade, problemas de sangramentos estomacais, dependência, e outros riscos (SECOLI *et al.*, 2019). Não deixamos de citar que o alívio temporário de tais sintomas podem maquiagem a patologia de origem, passando despercebida podendo assim acarretar uma progressão a grandes moléstias. O fornecimento e a comercialização de medicamentos nas farmácias na maioria das vezes é por conta das grandes empresas do setor privado como por exemplo as grandes franquias, dentro dessas empresas, o atendimento é feito muitas vezes por leigos, proprietários e balconistas, não sendo relevante a presença do farmacêutico, o que preocupa muito, pois falta preparo para essas pessoas prestar assistência necessária a pacientes, contribuindo para o agravamento do problema da automedicação. Observa-se que nos países mais desenvolvidos, a venda livre de medicamentos cresce de forma desenfreada, bem como, o fácil acesso a esses medicamentos nas drogarias e farmácias, favorecendo essa automedicação. No entanto, a leis rigorosas estabelecidas pelas autoridades competentes desses países vem crescendo paralelamente fomentando orientações para os usuários,

dando uma certa tranquilidade e reduzindo essa prática (SILVA *et al.*, 2017). Pontua-se aqui que medicamentos de venda livre, são aqueles considerados desnecessários uma prescrição médica, sendo o próprio doente que sinaliza qual é o produto que ele acredita que poderá melhorar no seu tratamento ou aliviar sintomas de sua patologia. Tais medicamentos são isentos de prescrição (MIP) fazem parte de uma categoria de medicamentos com uma característica única: o fato de não haver necessidade de uma prescrição, geralmente o usuário utilizará sem qualquer orientação de profissionais específicos da área de saúde. Conforme a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA, 2010), em média 80 milhões de pessoas praticam automedicação no Brasil que é facilitada pela qualidade inferior de medicamentos ofertados, falta de retenção de receitas médicas, desinformação e falta de instrução das pessoas de modo geral, fazem parte desse gargalo. Entretanto pode sim haver algumas vantagens na prática da automedicação, exemplo disso, são os países pobres, com sistema de saúde precário, amenizam o grande número de consultas e as filas médicas imensas. Há ainda alguns autores que pontuam que quando feita de forma responsável em um problema de saúde autolimitado, pode trazer benefícios se porventura tratar-se de algo terapêutico, isentando assim de uma prescrição, seguido de acompanhamento e orientação farmacêutica, dessa maneira, a automedicação contribui nesse caso para específico problema de saúde do paciente, que terá a dose, concentração e tempo de tratamento de acordo com o necessário (SILVA *et al.*, 2017).

Leão, Moura e Medeiros (2014), faz uma observação em seu estudo que idosos com pouca escolaridade e as pessoas socioeconomicamente desfavorecidas, tinham como prática a automedicação com uma frequência maior, explica-se isso por conta da dificuldade de acesso aos serviços de saúde e também falta de conscientização dos riscos possíveis no uso dessa prática. Coloca em questão também que essa faixa etária já tem um perfil de pessoas com mais problemas de saúde muitas vezes crônicos e agudos, consequência provocada pelo envelhecimento, e que esses idosos, fazem uso de medicamentos, a fim de, promoverem uma qualidade de vida melhor.

3 FATORES QUE LEVAM A POTENCIALIZAÇÃO DA POLIFARMÁCIA

O mundo contemporâneo, muitas vezes têm visto os medicamentos como a solução para os problemas e sintomatologias enfrentados na saúde. A globalização, capacita a acessibilidade a uma grande quantidade de informações, permitindo conhecer e adquirir de forma rápida esses produtos bem como fazer a comercialização dos mesmos, isso está atrelado aos desejo de consumo de uma sociedade que procura a qualquer custo se livrar de problemas que prejudicam uma vida de qualidade e alívio de sintomas e dores.

A automedicação na maioria das vezes, acontece por conta do indivíduo já ter um

conhecimento prévio de determinado medicamento, segundo Vilarino *et al.* (1998), esse fator foi o maioral entre os grupos de sua pesquisa estando em torno de 35,9% das reclamações, seguida da indicação de terceiros 15,3%.

Já na pesquisa de Giachelin (2016), há a afirmação de que é comum pacientes aceitarem a sugestão dada no seu atendimento nos balcões das farmácias, mesmo sendo pelos proprietários ou atendendo de farmácia, algum parente e até mesmo, outras pessoas consideradas leigas no assunto, fazem uso de medicamentos utilizados em outros momentos para referência do que será utilizado no momento para amenizar ou curar seu problema.

Naves *et al.* (2010), expõe em seu estudo que a qualidade precária de atendimento e a demora nos sistemas de saúde, associado ao longo tempo de espera nas filas da saúde pública, fomenta a automedicação, corroborando os estudos de Vilarino *et al.* (1998), que afirma que as farmácias oferecem facilidade, rapidez de acesso, sendo assim, a farmácia atenderá a expectativa e necessidade do paciente de maneira muito mais rápida pois o mesmo busca tranquilizar nem que seja de maneira paliativa os sintomas que tanto o incomodam e trazem sofrimentos, trazendo um alívio mais instantâneo (SOUSA; ANDRADE, 2017). Paim *et al.* (2016), complementa e confirma Vilarino *et al.* (1998) no sentido de que as consultas médicas, seguido de carência financeira, integram o arcabouço dos fatores que levam as pessoas praticarem a automedicação. Ainda Beckhauser *et al.* (2010) complementa, dizendo que a praticidade é um dos fatores mais relevantes nessa prática. Cascaes, Falchetti e Galato (2008) em suas colocações, afirma em seu estudo de que as pessoas da terceira idade, relatam que a forma prática de acesso a medicamentos, é um fator relevante para a automedicação, levando a chegar a um patamar de 43% de fator mediador nos casos e ainda 33,6% quando os problemas eram apenas sintomas de problemas simples.

Os comerciais potencializam a prática da polifarmácia. Essa ferramenta de mídia, por conta de atingir uma grande parcela das pessoas, acaba difundindo de maneira ampla e eficaz, persuadindo as pessoas a fazerem o uso de determinadas medicações, utilizando-se do comando imperativo em seus comerciais como: use, tome, faça, salientando que ao fazerem uso de tais medicamentos conseguirão o que todos almejam quando estão sentido certos incômodos, dores, obstipação, insônia entre outros. Entretanto, os possíveis efeitos colaterais caso sejam ingeridos de forma inadequada, possibilitam resultados secundários na maioria das vezes agravando muito mais o problema inicial ou até mesmo gerando outros problemas. A divulgação de medicamentos através de propagandas em meios de comunicação tem um papel muito importante na prática da polifarmácia, que ironicamente, indica ainda que caso persistam os sintomas, deverá procurar um médico, que de alguma traz uma sensação de tranquilidade e ao mesmo tempo uma segurança de que tal medicamento está imune de causar afeitos colaterais ou secundários. Ainda no estudo, encontra-se outro aspecto bem interessante exposto com intuitos da prática as polifarmácia, a

padronização anual de prescrição, levando esse perfil de paciente adotar critérios específicos e próprios com intuito de sanar seus problemas de saúde quando não se trata de algo tão sério.

Já se tratando de sintomatologia, Aquino, Barros e Silva (2010), ranqueia a dor em primeiro lugar (30,5%), destacando a cefaleia, espasmos musculares e cólicas, logo em seguida medicamentos que previnem resfriados, suplementação alimentar, (12,7%) a ainda os resfriados (10,8%), fatores que aumentam a prática da polifarmácia. As dores de um modo geral, é o segundo fator mais relevante na prática da polifarmácia, especialmente quando trata-se de cefaleias fazendo com que as pessoas procurem os analgésicos antes de tentarem outras maneiras de se livrarem dessas dores, assim Paim *et al.* (2016), complementa em seus estudos que as inflamações, é um estimulador potente, especialmente quando se trata de idosos, considerando que nessa faixa etária esses sintomas são mais frequentes, e enxergam tais sintomas como algo comum, desconsiderando a necessidade de procurar um médico, colocando como mais relevantes suas experiências anteriores ou repassada por pessoas que já fizeram uso de tais medicamentos e tiveram alívio do seu mal estar físico ou psicológico. Logo recorrer a esses medicamentos que estão ao alcance de todos, torna-se um meio eficaz, rápida e milagrosa para resolver de maneira imediata seus problemas emergências de saúde.

4 DESVANTAGENS E RISCOS AO IDOSO COM A PRÁTICA DA POLIFARMÁCIA

A prática da Polifarmácia é um tema que envolve discussões de grande preocupação, especialmente quando se trata da terceira idade, já que nessa faixa etária, as pessoas se apegam muito mais aos costumes da sociedade onde está inserida, como por exemplo o uso da farmacinha caseiras onde os medicamentos que vão sobrando, vão sendo armazenados em casa para qualquer outra eventualidade, levando em consideração que se torna recorrente os problemas de saúde propensos ao desenvolvimento de doenças crônicas. Mesmo que a polifarmácia pareça algo tão comum, essa problemática é muito mais ampla e complexa. De um lado observa-se a problemática na facilidade dos medicamentos indicados já nos balcões das farmácias, por pessoas que não estão qualificadas para este procedimento e de forma paralela, a grande quantidade de produtos oferecidos no mercado farmacêutico, que contribui por si só o aumento da demanda que utiliza esses medicamentos, gerando assim um consumo desenfreado engrossando a prática da polifarmácia Giachelin (2016) relata em sua pesquisa que o que contribui a prática de polifarmácia são os analgésicos, que de maneira paliativa inibem os sintomas dolorosos das dores musculares, enxaquecas por exemplo, dando uma sensação de melhoria. Entretanto, o consumo de maneira desenfreada acarretam complicações como por exemplo, problemas gástricos. Santos *et al.* (2013), relata que a segunda categoria de fármacos utilizado no polifarmácia são os anti-hipertensivos,

causando uma preocupação grande, pois uma vez que o paciente recebeu a prescrição médica, costuma demorar retornar ao seu médico para fazer uma manutenção e um acompanhamento para mudança de medicamento caso necessário, o que seria indicado, fazendo uso do primeiro medicamento como sua referência. Ressalta que a falta desse acompanhamento pode agravar o problema, levando o paciente até mesmo a sofrer um acidente vascular.

5 O FARMACÊUTICO E O SEU FUNDAMENTAL PAPEL NA POLIFARMÁCIA

Não há dúvidas que diante do explanado, concluímos que é de suma importância a viabilização de regras para um consumo racional de fármacos por parte dos consumidores, principalmente quando se trata de idosos, para que isso aconteça, o desenvolvimento de sistemas eficazes, eficiência nas informações aos pacientes principalmente dos médicos que os atendem e os farmacêuticos, intervenção desses profissionais de saúde no processo de medicação e mediação, torna-se ferramenta essencial para que haja um aumento benéfico na utilização racional dos medicamentos e diminuição da prática da polifarmácia, reduzindo conseqüentemente os riscos provenientes a essa prática.

Por conta de hábitos culturais, a prática da polifarmácia se torna um tanto quanto difícil de ser abandonada, porém canalizar os aspectos positivos dessa prática através de informações relevantes para toda a pessoas nessa faixa etária, poderá minimizar os possíveis agravos de patologias. Nesse contexto, entra o papel do Farmacêutico que deverá ser visto como agente primordial para atender às necessidades desse paciente e também de toda a sociedade, sendo ele o responsável por reverter o quadro da prática da polifarmácia do estágio inconsciente, o que é negativo, para um estágio consciente e positivo. As orientações a respeito dos malefícios da prática da polifarmácia bem como os possíveis benefícios, devem ser de responsabilidade também do profissional farmacêutico, por se tratar de um agente da saúde, detentor de conhecimentos técnicos. Ele deve repassar ao paciente a confiança dos medicamentos baseado na sua preparação, deve se impor de maneira confiante e respeitável, resultando assim na adesão por parte dos pacientes a uma prática racional da polifarmácia. Os erros são minimizados quando a administração dos medicamentos são feitos pautados na orientação desse profissional que deve sempre estar pautado de acordo com o prescrito pelo médico e entendido pelo farmacêutico que sempre deve estar atento a avaliar os aspectos farmacêuticos e farmacológicos evitando assim um possível dano a saúde do idoso e caso haja algum equívoco, esteja sempre pronto a retomar ou solicitar uma revisão na prescrição, aliviando as pequenas ocorrências evitando e amenizando assim possíveis sofrimentos.

Nesse contexto, o farmacêutico é tido como um profissional engajado no direcionamento específico para o idoso de uma maneira que o mesmo se sinta confortável e confiante no tratamento,

pois é esse profissional que detêm esse conhecimento para isso, podendo indicar, contraindicar os fármacos e as interações medicamentosas.

Ao receber um idoso e constatar que algo não está de acordo com o tratamento, é fundamental que o farmacêutico encaminhe-o ao médico, pois é seu papel atual como complemento, mediador e orientador de forma responsável pois os líderes de saúde levam em consideração a otimização da Atenção Primária a Saúde (APS), e também são protagonistas nessas ações os profissionais de farmácia que também assumem o compromisso de humanização e equidade fazendo parte da equipe de responsabilidade sanitária.

O idoso está inserido num grupo crescente que necessita essa atenção primária, trata-se de uma demanda permanente que possuem patologias que se agravam gradativamente e se faz necessário os profissionais da saúde estarem engajados para que sejam preservados do adoecimento e ajudem a amenizarem suas patologias. Dentro dessa perspectiva, deve ser levado em consideração também a redução dos custos com saúde eficácia e rapidez de forma igualitária com qualidade para que as discrepâncias sejam reduzidas entre o que possuem ou não acesso a saúde.

Espera-se que com a orientação da polifarmácia ampliada de forma responsável pelo idoso, venha contribuir para um tratamento correto, dessa maneira serão evitados riscos e maiores prejuízos, proporcionando uma qualidade de vida melhor ao idoso, potencializando os medicamentos corretos ao tratamento e ainda reduzindo as consultas médicas, diminuição de filas, internamentos e anticongestionamentos nas unidades de saúde. Vale ainda salientar que o encaminhamento para os serviços de saúde que muitas vezes são caros e sofisticados poderiam ser resolvidos através da Atenção Primária ao Idoso, com rapidez e eficiência inclusive nas informações sobre o estado do paciente, seu tratamento, medicações e ainda alimentação e higienização, isso também está atrelado ao trabalho do profissional de farmácia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da polifarmácia faz parte da cultura popular principalmente entre pessoas que fazem parte do grupo da terceira idade, ou seja, o Idoso, e isso não é de hoje, vem atravessando décadas, sendo encarada com acontecimentos recorrentes de ingestão de medicamentos num sistema de automedicação, sem qualquer fiscalização ou indicação de um profissional qualificado. Essa ação, baseada em informações de leigos ou até mesmo de experiências anteriores, geralmente está intencionada a obter um alívio para alguma patologia, ou ainda sintomas que conseqüentemente causadores de dores e desconfortos, levando o paciente a fazer uso descontrolado de analgésicos e relaxantes musculares entre os mais consumidos.

Entretanto, aliviar sintomas não garantirá que o tratamento está sendo encaminhado de maneira correta ou adequada e tampouco se a doença foi curada ou tratada de maneira correta, pois nesse processo, não há certeza de uma eficácia e essa prática poderá mascarar ou até mesmo agravar a patologia, e quando se tratando de doenças infectocontagiosas o risco é ainda maior.

Levando em consideração tratar-se de uma prática cultural, a prática polifarmacêutica terá grande dificuldade para ser abandonada, considera-se que um possível caminho seja tentar mudar esse quadro de forma através de um trabalho árduo dos profissionais da saúde, principalmente do farmacêutico viabilizando os aspectos positivos, procurando maximizar efeitos negativos através de informações. Portanto, indiferente do grau de desenvolvimento, todos os países precisam filiar-se a meios que regulamentem o uso racional dos medicamentos, sendo mais uma vez o farmacêutico um dos protagonistas indispensáveis nesse processo de atendimento às necessidades da sociedade seja individualmente ou em grupos específicos. São esses profissionais que precisam estar em contato, sendo reconhecidos como agentes de saúde imbuídos no processo de consciencialização da necessidade do uso racional de medicamentos tornando a prática polifarmacêutica positiva, para que isso seja possível, se faz necessário ter aptidão para identificação de determinadas doenças principalmente as mais comuns, estarem sempre informados sobre os benefícios e acima de tudo os riscos e problemas por conta de medicações ministradas erroneamente podem trazer ao paciente.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Daniela Silva; BARROS, José Augusto Cabral; SILVA, Maria Dolores Paes. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v15n5/v15n5a27.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti *et al.* Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 28, n. 3, p. 262-268, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4060/406038934002.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arq Cat Med**, v. 37, n. 1, p. 63-39, 2008. Disponível em: <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/537.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2022.

CARVALHO, Clodevan Silva; CARVALHO, Alana Soares; PORTELA, Fernanda Santos. Uso indiscriminado e irracional de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) por pacientes Idosos em uma Rede de Farmácias do Sudoeste da Bahia. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 12, n. 40, p. 1051-1064, 2018.

COUTO, Breno Emídio; DE ALBUQUERQUE, Irineu Lima; DA SILVA MEDEIROS, Maria Angelina. Uso abusivo de medicamentos por idosos em comunidade de Fortaleza–Ceará. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 20, n. 1, p. 12-16, 2007.

DE FRANÇA SILVA, Brunno Tavares *et al.* O papel do farmacêutico no controle da automedicação em idosos. **Boletim Informativo Geum**, v. 8, n. 3, p. 18, 2017.

DESTRO, José Stéfano Faia. DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE IDOSOS: UM DESAFIO PARA A SAÚDE PÚBLICA. **REGRAD-Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM-ISSN 1984-7866**, v. 11, n. 01, p. 01-15, 2018.

GIACHELIN, Thainá. A Prática da Automedicação: Fatores e Consequências. **Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade da Serra Gaúcha**. 2016. p. 81-83. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/2122>. Acesso em: 06 ago. 2022.

LEÃO, Danyllo Fabio Lessa; MOURA, Cristiano Soares; MEDEIROS, Danielle Souto. Avaliação de interações medicamentosas potenciais em prescrições da atenção primária de Vitória da Conquista (BA), Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 311-318, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2014.v19n1/311-318>. Acesso em: 04 ago. 2022.

LUCENA, Hannah Karolyne Vieira. *et al.* Uso crônico de medicamentos em idosos atendidos em uma estratégia de saúde da família. **VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano**, 2019.

LUTZ, Bárbara Heather; MIRANDA, Vanessa Irribarem Avena; BERTOLDI, Andréa Dâmaso. Inadequação do uso de medicamentos entre idosos em Pelotas, RS. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 52, 2017.

MACIEL, Fabiana de Paiva. Dificuldade do idoso na terapêutica plurimedamentosa e seus efeitos colaterais – iatrogênia. Dissertação (pós-graduação em programa da saúde da família). Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva *et al.* Automedicação: **uma abordagem qualitativa de suas motivações**. 2010. Disponível em: <http://recil.ulusofona.pt/handle/10437/5947>. Acesso em: 04 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2005. Disponível em: http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento_ativo.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 ago. 2022.

PAIM, Roberta Soldatelli Pagno *et al.* Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/5456>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SANTOS, Thalyta Renata Araújo *et al.* Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 1, p. 94-103, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2013.v47n1/94-103/pt>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SECOLI, Silvia Regina *et al.* Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2019.

SOUSA, Letícia Abreu; ANDRADE, Camila Filizzola. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: Influência do conhecimento acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/115>. Acesso em: 13 jul. 2022.

VILARINO, Jorge. *et al.* Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 32, n. 1, p. 43-49, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/1998.v32n1/43-49>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ANEXO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaro para os devidos fins que eu, Richard Lino Dos Santos, RG: 10.167.777-0 – SSP-PR, aluno do Curso de Farmácia Modalidade de Educação à Distância – Metodologia Semipresencial na Unipar – Universidade Paranaense da Unidade de Toledo-Pr. Sou autor do trabalho intitulado: “**A POLIFARMÁCIA COMO FATOR DE RISCO AO IDOSO**”, que agora submeto à banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso – Farmácia.

Também declaro que é um trabalho inédito, nunca submetido à publicação anteriormente em qualquer meio de difusão científica.



Richard Lino Dos Santos